

deixar a companhia de mamãe e oferecer ao vovô a tranquilidade para o resto dos seus dias.

— Não penses tal. Não poderemos desamparar tua mãe. Quanto ao mais, nada dirás ao Sr. de Saint-Pierre. Não temos o direito de confiar a ninguém a dolorosa revelação do nosso caso. E' preciso lançar a rega do silêncio e da paz á fogueira das locubrações tormentosas, para que nossa existência não se transforme em vorágioso inferno.

Beatriz concordou.

Dentro de poucas horas o noivo aparecia cheio de interesse familiar. Outras visitas se sucederam durante a noite. Fatigadíssima, Alcione manteve-se no seu papel de serva, em que todos a conheciam. A alvorada encontrara Cirilo agonizante. Decorreram vinte e quatro horas do tremendo choque, o filho de Samuel desprendia-se do mundo para a vida espiritual.

O palacete da Cité logo se cobriu de crepes negros. Pesada atmosfera se espalhou no solar do abastado comerciante de fumo.

No dia seguinte o velho Jaques teve fôrças para providenciar o enterramento do sobrinho, ao lado do túmulo de Madalena Vilamil. O amoroso casal, que vivera separado pela astúcia maliciosa do mundo, reunia-se agora para sempre.

Os funerais realizaram-se com muita pompa, na tarde imediata á do falecimento. Numerosos eclesiásticos acompanharam o feretro com luxuosas exéquias. A viúva, com ares de alucinada, seguiu o cortejo amparada por Alcione, que lhe dava o braço com zélos filiais. Mas, quando os padres disseram as últimas palavras do ritual para que o corpo baixasse á campa, ouviu-se estranha gargalhada no ambiente silencioso e triste.

A assistencia numerosa entreolhou-se atonita e curiosa!

Suzana Davenport havia enlouquecido.

— — —

V

PROVAS REDENTORAS

A vida familiar no palacete da Cité tornara-se bem amarga. A viúva Davenport perambulava pelos aposentos, dementada e combalida. O velho Jaques, dominado pelos dissabores acerbos, vivia entre o leito da decrepitude e as lágrimas sem consolação. Beatriz, na sua mocidade cheia de sonhos, ainda não saíra da penosa estupficação, dando mostras de singular abatimento.

Foi aí que Alcione fez valer as virtudes da sua fé, por maneira a satisfazer plenamente os novos deveres. Nunca abandonava Suzana, de quem se fizera enfermeira dedicada e afetuosa. Robbie continuava trabalhando em São Jaques, vindo sómente três vezes na semana, visitar a irmã adotiva, sempre mergulhado em profunda melancolia.

Certa ocasião em que o velho professor entaboliou com o rapaz uma palestra mais longa, Alcione foi chamada pelo generoso velhinho, que a interpelou carinhosamente:

— Não posso consentir que o nosso Robbie continue ausente desta casa, por motivos de serviço. Considero mais acertado que deixe a igreja de São Jaques do Passo Alto, vindo morar conosco. Não podemos esquecer que êle é teu irmão, isto é, filho adotivo da nossa querida morta.

— Sim — respondeu a jóven, solícita — nada tenho a opôr, mas olhe que seria uma falta grave o privar meu irmão dos benefícios do trabalho.

— Mas Robbie, Alcione, é muito doente para desdobar-se em tantas ocupações.

— Mas o senhor não está de acôrdo comigo, relativamente ás vantagens de uma vida laboriosa? Não quero parecer cruél, antes quero reconhecer a generosidade do seu coração, com semelhante lembrança; mas o amor ao trabalho é uma das mais nobres heranças que mamãe nos deixou. Basta lembrar que, embora paralítica, ela costurou por muitos anos para nos criar e manter. Além do mais, é sempre útil ao enfermo entreter-se com alguma cousa. A inatividade costuma induzir-nos a falsas apreciações dos desígnios de Deus, a impaciencias, a desesperações e rebeldias...

Percebendo que o amoroso ancião anotava-lhe mentalmente as palavras com sincera atenção, acrescentava dirigindo-se ao rapaz:

— Não é verdade que sempre ganhaste muito com a dedicação ao trabalho, Robbie?

— Sim, isso é incontestável.

Mas, deixando perceber que desejava umas tantas alterações de regime, acrescentava:

— Entretanto, se possível, gostaria de transferir-me de São Jaques para outra parte. As recordações de São Marcelo me acabrunham e depois aquelas crianças ironicas muito me atormentam com os dichotes e indiretas.

— Ora, Robbie, — murmurou Alcione com bondosa austeridade — ainda te preocupas com as tolices de meninos ignorantes?

— Estão sempre a tecer comentários dos meus aleijões...

— E que tem isso? Quando cumprimos nosso dever perante Deus e a conciencia, a grosseria ou a ingratidão dos outros são relegadas ao baixo plano a que pertencem.

O bondoso ancião acompanhava a neta, admirado de ver como conseguia aliar tão facilmente a energia á meiguice.

— Se invocas as lembranças de São Marcelo, — prosseguiu a moça ternamente — dando-me a entender tua saudade de mamãe, recorda que ela cumpriu o seu dever até o fim, nunca nos pediu uma casa mais confor-

tavel, nunca reclamou contra as aguas da chuva que invadiam nosso quarto, conservou-se de agulha na mão enquanto Deus lhe permitiu a graça de trabalhar, enriquecendo o nosso esforço... Os aleijões do corpo, Robbie, são melhores que os da alma...

O rapaz experimentou certo abalo em ouvindo as últimas palavras. Reconhecendo-lhe a estranheza, Jaques procurou intervir carinhosamente:

— Alcione tem razão, — exclamou atencioso — o trabalho é uma benção de Deus. Não te deves agastar, meu caro Robbie, com os obstáculos encontrados. Todos nós temos uma dificuldade a vencer na vida. O proprio Jesus não caminhou sobre flores.

E dirigindo á neta um olhar significativo, murmurava:

— Apesar disso, minha filha, espero não te aborrecer se eu pedir a Henrique a colocação do rapaz mais proximo de nós. Poderá, por exemplo, empregar-se nos serviços de São Landry.

O filho adotivo de Madalena agradecia com a expressão satisfeita, enquanto a jóven concordava:

— Não tenho objeção a fazer, desde que Robbie continue a descobrir, cada dia, a grandeza do espírito de serviço.

Daí a alguns dias, Henrique de Saint-Pierre, o noivo de Beatriz, conseguia a mudança desejada, com grande júbilo para o rapaz, que se transferiu definitivamente para a Cité, podendo assim ficar em contacto diário com a irmã adotiva.

A dedicação de Alcione á viúva Davenport era um exemplo vivo de amor, a calar fundo no coração dos familiares. A propria Beatriz parecia mais concentrada nos problemas graves da vida. Aquele ar de despreocupação que lhe caracterizava a juventude, desaparecera. Tornara-se mais acessível aos criados, ouvia com interesse as advertencias do avô, que não se sentia muito encorajado a prosseguir enfrentando as borrascas fortes do mundo. O noivo notara, satisfeitíssimo, aquela transformação. A jóven Davenport aliava, agora, á beleza juvenil, larga dose de reflexão ao cogitar dos problemas do destino e

do sofrimento. A dor abrira-lhe novas possibilidades de inspiração religiosa. A perturbação mental da progenitora impedia o culto doméstico, tais as condições precárias do seu organismo; mas, sempre que lhe era possível, lia e meditava longa e atentamente o Evangelho de Jesus. Sua conversação tornara-se mais rica e substancial. Alcione tinha com isso grande consolo.

Havia um mês que morrera Madalena Vilamil.

O estado mental da viúva apenas se agravara. Noites inteiras passava ela em gritos alarmantes, em sinistras visões. Alquebrado pelos anos, cheio de achaques e mais pelos desgostos profundos que lhe golpearam o coração, o tio de Cirilo esperava a morte resignado. Beatriz atendia aos múltiplos encargos domésticos e apenas Alcione velava pela doente, com as suas infinitas reservas de amor cristão.

A's vezes, alta noite, a demente sacudia-a com gestos de pavor:

— Vês, Alcione? Satan vem chegando com as suas sentinelas perversas! Ah! que desejam de mim? Já confessei tudo... Esta casa não é lugar de demônios! Voltam para os infernos!... (1)

E rojava-se de joelhos, exclamando:

— Deus me livrará das fúrias do maligno. Porque confessei a verdade, Satanaz persegue minh'alma! Não a levarás, bandido!

— Não se exalte, senhora Suzana, — observava a moça com doçura. — Vamos orar pedindo a Deus calma e resignação. Tranquilize-se! O poder das trevas se anula ante a luz divina. Vamos fugir para os braços de Deus, como as crianças que buscam o colo materno quando uma fera se aproxima!...

Suplicava a proteção de Deus, em voz alta, no que era seguida, palavra por palavra, pela infeliz demente.

Terminada a rogativa, Suzana mostrava-se mais calma, agradecia com sorrisos infantis e ponderava:

(1) Todas as manifestações de Espíritos obsessores, no tempo antigo, eram tomadas à conta de aproximação de Satanaz. — Nota de EMMANUEL.

— Só o teu coração comprehende as minhas necessidades! Todos me dizem que estou alucinada, que não vejo senão perturbações do meu próprio espírito! Meu pai me manda reagir sem que eu possa fazê-lo; minha filha crê que eu esteja sendo vítima de ilusões! Entretanto, Alcione, o demônio vem sempre ao meu quarto tripudiar do meu remorso intraduzível! Quando oras comigo, ele se pronifica a sair, mas faz um sinal dando a entender que voltará no primeiro ensejo!...

— Acalme-se, senhora — procure pensar na magnanimidade da Providência Divina. Quando se aproximarem os maus Espíritos, ofereça-lhes um pensamento de sincera confiança no Altíssimo. Peçam-lhes perdão pelo mal que acaso lhes tenhamos feito em outras eras, humilhem-nos recordando Jesus, que era imaculado e aceitou a cruz imposta pelos alagozes...

A enferma escutava-lhe as exortações carinhosas, de olhar desvairado e respondia:

— Teus conselhos são justos... Sabes que meu estado não é apenas uma alucinação...

— Sim, a senhora não mente.

Ao ouvi-la, Suzana Davenport, em pleno desequilíbrio das faculdades mentais, exibia olhares mais estranhos e replicava, com os seus remorsos pungentes:

— Já menti quando sacrificiei tua mãe, mas agora desejo só a verdade... porque deixei a falsidade, Satanaz me atormenta...

— Tudo isso, porém, passará depressa! — esclarecia a jovem pacientemente.

— Sim, passará... passará... — concluia a enferma atenuando a exaltação.

Em seguida, a filha de Madalena vigiava, em prece, até que a progenitora de Beatriz conseguisse adormecer. O ambiente doméstico continuava carregadíssimo.

Numa noite de grandes perturbações, Suzana dirigiu-se à carinhosa enfermeira, em pranto convulsivo:

— Não me deixes ir para o cárcere! Já estou sendo castigada rudemente, minha santa menina! Não será melhor que a morte me colha aqui mesmo, como lição para todo mundo? Muita gente na Cité há de evitar o

pecado, quando souber que estou morrendo atormentada, no seio das cousas que pertenciam a tua mãe!...

— Não pense nisso! — dizia a interlocutora generosa, tranquilizando-a. — Ninguem a levará daqui. Esta casa é sua e pessoa alguma poderá atentar contra os seus direitos.

— Hoje, — voltava a exclamar a louca de olhos esgaseados — vi o infame Padeiro (1) aproximar-se de meu pai e soprar-lhe alguma cousa aos ouvidos... Daí a momentos, êle e Beatriz declaravam-se resolvidos a me afastar de casa.

— A senhora ficará comigo, — murmurou a jóven Vilamil consolando-a — não precisa inquietar-se porque, antes de tudo, Deus nunca nos abandonará.

Com efeito, no dia imediato, ao almôço, dando a impressão de que houvera pensado muitíssimo, antes de apresentar a proposta, Jaques falou muito trêmulo:

— Minha querida Alcione, Beatriz e eu estivemos pensando na dilação dos teus sacrifícios e no melhor meio de atender á situação da nossa doente. Como talvez não ignores, temos estabelecimentos em Paris, onde a enferma pode ser bem tratada, sem exigir tanto da tua proverbial dedicação.

— Pensam, assim, em afastá-la do convívio doméstico? — perguntou a filha de Madalena surpreendida.

— Efetivamente: as prolongadas vigílias te consomem a saúde. Por minha vez, não te posso ajudar, dado o meu grande esgotamento físico.

— Não, não, — retrucou Alcione firmemente — não concordo. D. Suzana não deve, não pode sair daqui. Estou habituada ás vigílias e, além disso, a pobrezinha haveria de sofrer muito.

— Mas estaria a salvo de qualquer necessidade no estabelecimento onde tencionamos interna-la.

— Mas isso não lhe garantiria a tranquilidade nem melhorias quaisquer, pois o de que ela mais necessita é

(1) O povo de Paris dava ao Espírito das trevas a designação de Padeiro, afim de não pronunciar a palavra "Diabo". — Nota de EMMANUEL.

de carinho, no transe doloroso por que passa. Estou certa de que não lhe faltariam enfermeiras dedicadas, mas, ainda assim, sempre se consideraria abandonada por nós, no meio de doentes de toda a especie, quando pode perfeitamente tratar-se ao nosso lado, sem que lhe falte o conforto da ternura familiar.

Beatriz, que prestava grande atenção aos argumentos da irmã, objetou:

— Tua atitude é nobilissima, porém nós não podemos pôr de lado a tua saúde. Além disso, as observações de minha mãe, no estado de loucura em que se encontra, são muito impressionantes para quantos nos visitam.

— Pois eu me comprometo a tê-la sob a minha guarda exclusiva. Não se preocupem comigo. Sinto-me forte. Os cuidados com a doente vêm constituindo para mim um grande consôlo. A ausência de deveres imediatos nos inclina, por vezes, a reflexões índevidas. Eis porque a companhia de D. Suzana tem sido de imensa utilidade para mim. Desde a partida de mamãe, sinto certo vazio na alma... Ao tocar o cravo para a enferma, recordo-me que seu espírito deve estar satisfeito. Será possível que desejem suprimir semelhante satisfação ao meu trabalho diário?

Beatriz lembrou a realização das suas aspirações de moça, sua infância confortada e a juventude feliz; comparou-a com a exemplificação de Alcione e sentiu os olhos razos dagua. Nem ela nem o avô se atreveram a falar mais na remoção da enferma.

Nesse ínterim, quando se levantaram da mesa, o velho Jaques valeu-se da oportunidade de estarem a sós os três e chamou a atenção da filha de Madalena para certo problema que o preocupava:

— Alcione, — disse afavelmente — aproveitando este momento de calma, devo dizer-te que mandei buscar, por pessoa de confiança, tua certidão de batismo, em Versailles; mas, quero crer que fôsses batizada na Espanha, por iniciativa de Antero de Oviedo, porquanto em Versailles nada se encontrou.

— Ah! sim... — murmurou a moça hesitante — posso saber o motivo da providencia?

— E' a necessidade de regularizarmos a questão da herança paterna. Beatriz e eu precisamos atender a essa parte.

A jóven Vilamil fez um gesto de grande admiração e exclamou:

— Por favor! Não façam isso!... Renuncio voluntariamente em favor de Beatriz. Sua felicidade, seus bens, são os meus.

— E' impossivel, minha filha — respondeu o avô atenciosamente — é justo pensarmos no teu futuro. O destino dá muitas voltas e não seria razoavel descuidar da tua situação, quando te assiste um direito sagrado!...

— Agradeço tanta dedicação, — acentuou a moça com firmeza e ternura — mas a minha renuncia á herança material de meu pai é decisão que não posso modificar.

— Por que? — interrogou Beatriz ansiosa de reparar com a irmã o copioso quinhão de sua fortuna.

— Já que me perguntam, devo esclarecer. Minha irmã se casará muito breve e não temos o direito de degradar D. Suzana no conceito do genro, que, afinal de contas, será tambem seu filho... Henrique de Saint-Pierre sempre enxergou na futura sogra uma desvelada amiga. Neste amargo período de enfermidade, tem-na tratado com especial carinho. Seria justo desfazer uma atitude tão nobre, tão só por uma razão de possibilidades financeiras, que passam com o tempo? Creio que não. Beatriz, por certo, receberá das mãos do Altíssimo alguns filhinhos que lhe enriqueçam o coração feminino. Que seria das pobres crianças, quando se recordassem da avó, entre observações descaridas e pouco dignas? Naturalmente que Saint-Pierre é incapaz de desfazer o noivado pela revelação do pretérito, mas nunca poderia subtraír do lar futuro o mau pensamento, acerca da progenitora de sua companheira. Com o tempo, semelhante recordação poderia tornar-se para a querida Beatriz um fardo bastante pesado... Nem todo o dinheiro do mundo bastaria para lhe restituir a tranquilidade. Isso posto, que motivo nos poderia induzir a tornar D. Suzana mais desventurada do que é? Descermos a certas explicações num

processo de herança, seria enlamear sua memória para sempre. Seria um ato muito indigno de nós. Creio que meus pais, na vida espiritual em que se acham, aprovam plenamente esta conduta.

O generoso ancião e a neta estavam profundamente surpreendidos. Nunca poderiam pensar que o desprendimento da filha de Madalena atingisse tamanha renúncia. Beatriz permanecia emocionada, sem saber manifestar a gratidão que lhe vibrava na alma. Foi o amoroso velhinho que rompeu o silêncio, considerando:

— Gostaríamos de restabelecer a verdade, apesar de bastante dolorosa. Estou certo de que Henrique se conformaria, de bom grado, e que Beatriz não sofreria qualquer dissabor de futuro, satisfeita e feliz por se edificar no teu exemplo. Quem sabe poderias ponderar o assunto com mais vagar e modificar tuas idéias neste particular?

— Não, não creiam, minha resolução é irrevogável.

— Essa resolução, Alcione, — prosseguiu o velho educador — não poderia parecer menosprezo a um esforço de teu pai? Se Cirilo pudesse ver-te e falar-te, certamente que te arguiria por isso.

A interpelada compreendeu que tal argumento era lançado de maneira mais peremptória, ao seu coração afetivo, no intuito de lhe modificar as disposições íntimas e retrucou com argumento ainda mais forte:

— A conciencia me diz que o nosso amado ausente me abençõa as intenções. Além de tudo, meu progenitor deixou-me uma herança muito sublime, para que eu viesse a preocupar-me com dinheiro. Deu-me um avô generoso e uma irmã devotada... E acaso deixei de receber êsse legado santo?

Jaques experimentou alguma cousa no coração cansado, como nunca sucedera em todo o curso de sua longa existencia. Reconhecido e feliz, murmurou:

— Deus abençõe todos os teus caminhos!...

— Suas bençãos, meu avô, são para mim uma riqueza eterna...

Beatriz, sensibilizada ao extremo, beijou-a e retirou-se enxugando uma lágrima.

E, dada a desistencia completa de Alcione, a situação

no palacete dos Davenport continuou sem modificações apreciaveis.

A enferma, atendida em suas mínimas necessidades pela enfermeira afetuosa, continuava gozando a consideração de suas prestigiosas relações parisienses. Não raro, nobres damas da Corte visitavam-na, testemunhando-lhe carinhosa atenção. Retiravam-se, muitas vezes, fortemente impressionadas pelo que ouviam da pobre demente.

— Acreditas, Marcelina, — dizia a enferma a uma colega da juventude — que o demo não nos persiga diariamente? Vejo-o em luta constante, trabalhando por aniquilar minh'alma... Será que tu tambem tens algum crime a confessar? Se cometeste alguma falta grave, liberta-te do remorso quanto antes! Satanaz está nos espreitando!...

E rematando as considerações com gargalhadas sibilantes, gritava:

— Ah! Ah! Ah!... Vamos tirar as máscaras, vamos tirar as máscaras!...

As visitas, quasi sempre se retiravam impressionadas e admiradas com a paciencia da enfermeira.

Um ano fazia que Cirilo e Madalena haviam falecido, quando o velho Jaques apresentou sintomas alarmantes. O velho médico da família recomendou o máximo cuidado, porque o enfermo tinha a existencia por um fio, podendo morrer de um momento para outro. Enquanto Beatriz se desfazia em lágrimas, Alcione duplicava a coragem, de modo a atender aos doentes, como se fazia necessário. Um portador foi enviado ao norte, afim de solicitar a presença de Carolina e dos seus.

Quando a senhora de Nemours chegou com os dois filhos, o progenitor estava a despedir-se.

A irmã de Suzana mui raramente vinha a Paris e por ocasião da morte do cunhado e da enfermidade da irmã, limitara-se a escrever, enviando á viúva condolências e votos de pronto restabelecimento. Mas, percebendo que o velho pai estava prestes a deixar o mundo, dera-se pressa em se abeirar do seu leito, em vista da pequena fortuna do antigo educador de Blois.

Carolina encontrou a irmã em lamentavel estado.

Não obstante as preocupações egoísticas de um temperamento somítico, não abraçou Suzana sem chorar. A desventurada viúva dirigi-lhe comovedoras exortações, que lhe calavam fundo no espírito.

— Talvez não saibas, Carolina, — dizia exaltada — que me tornei criminosa aos olhos dos homens e diante de Deus... Condenei Madalena Vilamil ao desterro e á miséria, para desposar Cirilo, na América... Fiz tudo quanto quis, mas Deus deixa agora que o diabo me peça contas de meus atos condenáveis!...

— Acalme-se... — exclamava Alcione em atitude de serva devotada. — A senhora está se entregando a emoções muito fortes com a chegada de sua irmã.

— Quem é esta enfermeira tão adequada ás nossas necessidades? — perguntava Carolina á Beatriz, com interesse.

Vendo, porém, que a irmã encontrava certa dificuldade em se explicar, a propria Alcione esclareceu:

— Sou empregada da senhora Davenport, ainda ao tempo que ela gozava saude.

— Pois bem, minha menina, — replicava a visitante como quem se sente bem ao reconhecer que outros tomam para si o trabalho ou a dificuldade que lhe pertencem — Deus ha de ajudá-la pelo devotamento com que cumpre os seus deveres.

Carolina permanecia ali, sob forte impressão.

— A loucura de Suzana é bem singular, — disse espantada — por que se referirá a crimes que absolutamente não praticou?

— Diz o médico, — esclareceu a enfermeira com serenidade — que essa perturbação é comum a maioria dos que têm o cérebro transtornado. Em vista de D. Suzana haver-se casado com o primo que a ela se unia, em segundas núpcias, parece sempre preocupada com o assunto, alegando situações imaginárias.

— A explicação do facultativo é muito plausivel, — acrescentava a tia de Beatriz — minha irmã era muito amiga de Madalena Vilamil e, possivelmente, lembrar-se-á muito da extinta, nos delírios de sua demencia.

— Acresce notar, — ajuntava a filha de Madalena

— que meu nome é Alcione Vilamil e esta circunstância não deixará de influir no ânimo da enferma, sempre em minha companhia...

— Isso é muito curioso, — explicava a interlocutora — mesmo porque suas feições são muito semelhantes ás da primeira espôsa de Cirilo, quando moça.

— Muitos dizem isso, — confirmava a moça com humildade.

A senhora de Nemours não ocultou a simpatia que a enfermeira lhe inspirava, tecendo-lhe francos elogios, junto de Beatriz.

No dia imediato ao de sua chegada, eis que o velhinho generoso, depois de longos padecimentos físicos, despede-se do mundo com grande serenidade. Alcione resistiu a todos os embates, heroicamente, transformando-se num anjo de socôrro para cada um, em particular.

Depois dos funerais, foi debalde que um dos jovens, filho de Carolina, insistiu para regressarem ao norte. A espôsa do Sr. de Nemours alegava, confidencialmente, precisar conhecer o testamento paterno. O progenitor deixara regular quantia em dinheiro de contado, e Carolina queria tomar conhecimento das suas últimas disposições.

O documento, no entanto, aberto daí a três dias, reservava grande surpresa ao seu coração egoista. Jaques Davenport deixava a pequena fortuna para Alcione Vilamil, declarando que sua resolução obedecia ao fato de que as filhas e os netos se encontravam devidamente amparados por vastas possibilidades financeiras, e que a sua deliberação testamentária nada mais representava que um ato de gratidão para com a enfermeira amada, a cujo carinho se sentia ligado por eterno reconhecimento.

Alcione chorou, comovidamente, ouvindo a leitura e, enquanto Beatriz não conseguia dissimular a satisfação que lhe vagava nalma, a tia mergulhava-se em contrariedade intraduzível.

Reconhecida a última vontade do morto, Carolina Davenport entrou a pensar seriamente na possibilidade de uma destituição. A' noitinha, aproximou-se da filha de Suzana, falando-lhe do assunto com gravidade.

— Beatriz, — começou a dizer a senhora de Nemours

algo irritada — não posso calar a estranheza que me causou a disposição testamentária de papai. Francamente, estou decepcionada.

— Pois eu, titia, muito pelo contrário, penso de outro modo. Acho que vovô praticou um ato de grande justiça.

— Como assim? não vejo razões que justifiquem esse ato. Nunca acreditei que meu pai olvidasse a prole para valorizar apenas os serviços de uma criada. Estou disposta a pleitear a anulação do testamento. Meu velho pai deve ter sido lamentavelmente enganado...

— Não diga isso! — tornou a sobrinha revelando nobre preocupação. — Alcione, em nossa casa, desempenha o papel de uma filha. Sou testemunha da sua extrema dedicação. Aliás, até ontem, a senhora não lhe negou os maiores elogios...

— Sim, como serva. Não podia, porém, supôr que papai houvesse atingido êsses extremos de consideração.

— A senhora, minha tia — esclareceu Beatriz com a delicadeza firme de quem não está disposto a ceder — é porque tem vivido ausente, anos consecutivos. Naturalmente, não pode aquilatar as elevadas qualidades de que Alcione é portadora. Ainda é bastante feliz neste mundo, para conseguir enxergar as almas que desempenham a tarefa dos anjos. Desde que se casou, vive tranquilamente em sua propriedade, ao lado do espôs abastado e dos filhos que participam do seu bem-estar, inalterado até hoje. Aliás, devo dizer que esta opinião era a de vovô, sempre queixoso da sua ausência. Nós, porém, não podemos partilhar com a senhora a mesma apreciação. O falecimento de meu pai nos trouxe lições muito amargas, que Alcione nos tem ensinado a compreender com a sua bondade sem limites... Em todo o curso da moléstia de minha mãe, seu devotamento tem tocado ao heroísmo.

A interlocutora parecia ouvir superficialmente os argumentos da jóven, respondendo com certa secura:

— Não posso aceitar a opinião da tua mocidade inexperiente. A meu ver, Alcione é criatura com muitos predicados excelentes, mas não lhe vejo outros títulos que os de serva.

E mostrando o ciúme que lhe envenenava o espírito, em virtude da predileção paterna, rematava:

— Suzana está demente, mas eu ainda não perdi a razão. Não concordo com a decisão testamentária e recorrerei à justiça.

A sobrinha, contudo, endereçando-lhe um olhar autoritário, sentenciou:

— Jamais supus que a senhora descesse á tal deliberação apenas por alguns milhares de francos, concedidos por um coração generoso á uma orfã. Saiba, porém, minha tia, que não ficarei inativa ante os juizes de Paris. Sua reclamação poderá vingar mas eu darei a Alcione, publicamente, um legado que possa equivaler á pequena herança deixada por vovô... Assim, nossos amigos terão ciencia de que a reclamação não parte desta casa, e sim de um espírito inconformado e mesquinho.

Ante a nobre atitude de resistência, a senhora de Nemours fez um gesto de forte irritação e murmurou desolada:

— Insultas-me? E's muito nova para discutir comigo. Estou a ver que tu e a serva transtornaram a cabeça do velhinho doente, induzindo-o a testamento tão singular...

— Poderá julgar como lhe ditam os sentimentos proprios.

Carolina corou, fortemente excitada e resmungou:

— Volto hoje mesmo para casa. E ficas ciente, Beatriz, que não precisamos do dinheiro de papai, nem do teu. Tratei do assunto da herança, porque todos somos obrigados a honrar a justiça, mas nunca precisarei dessa miséria de alguns escudos. E que Deus te proteja, para que a serva intrusa não te cause sérias decepções.

A sobrinha lançou-lhe um olhar altivo e murmurou muito calma:

— Agradeço a sua decisão de partir. E' melhor que o escândalo fique só entre nós e que a senhora renuncie á primeira disposição que me levaria tambem a público, como sua adversária.

Não obstante a preocupação de abandonar o palacete da Cité, naquela mesma noite, Carolina Davenport, con-

tida pelos filhos, esperou pela manhã, quando se retirou de Paris despedindo-se da sobrinha secamente.

Por essa época, Henrique de Saint-Pierre começou a cooperar mais assiduamente na solução dos negócios que envolviam a antiga residencia de Cirilo. No círculo de tantas dores e preocupações, somente a perspectiva do casamento próximo de Beatriz oferecia ensejo a determinadas esperanças de paz. A noiva aguardava as melhores da progenitora para marcar a data do consórcio. Desde ha muito, o rapaz manifestava desejos de não adiar o enlace por mais tempo; no entanto, Beatriz não se sentia bem, entregando a Alcione o peso de todos os encargos, relativamente á enferma. Suzana, logo após o falecimento do velho professor, atingira um estado especial de inércia, piorando sempre a olhos vistos. As duas filhas de Cirilo revezavam-se devotadamente no sentido de amparar a doente com todos os recursos ao seu alcance. Alcione andava abatida e todavia as lutas agravavam-se, cada vez mais.

Certa noite, Robbie, já quasi homem feito, demorou-se mais que de costume. A filha de Madalena inquietou-se, sentindo que algo de grave sucedera, amargurando-lhe o coração. De fato, enquanto confiava á irmã os pensamentos que a atormentavam, um portador do abade Durville, clérigo de São Landry, pedia sua presença urgente.

— Senhorita — exclamou respeitosamente, dirigindo-se á moça, que o ouvia surpreendida — o Sr. Robbie ha duas horas foi vítima de um desastre, quando mal havia saído da igreja...

— Que foi? — inqueriu Alcione sem disfarsar a enorme aflição.

— O rapaz ia distraído quando um carro o colheu, brutalmente! Os cavalos espantaram-se e o cocheiro não teve tempo de evitar o desastre lamentável.

— E como está ele?

— Muito mal. As feridas do peito sangram com abundancia, mal pode falar e pediu ao Abade Durvile que a prevenissem com urgencia.

— Não ha tempo a perder, — murmurou Beatriz.

Daí a minutos, o carro dos Davenport saía ás pressas conduzindo as duas irmãs.

Em um recanto da igreja de São Landry, o filho adotivo de Madalena experimentava o esgotamento rápido de suas forças. O sangue borbulhava, incessante, das feridas abertas. Debalde um médico aplicava os recursos limitados da sua ciencia. O afluxo de sangue cedia em determinadas regiões, mas a incisão profunda ao longo do peito era uma fonte inestancável. Não havia mais esperanças. Durville e alguns companheiros assistiam-no, certos de que o músico estava perdido.

Percebendo a seu lado a irmã muito querida, o rapaz pareceu concentrar as energias supremas, no desejo de lhe transmitir os últimos pensamentos. A voz era-lhe como um sôpro. Alcione inclinou-se, esforçando-se para não chorar; beijou-o com enterneçimento fraternal e sentou-se, ali mesmo, para que a fronte dilacerada lhe repousasse no regaço fraternal. O ferido esboçou um sorriso leve que sensibilizou os assistentes.

— Então, Robbie? como foi isso? — perguntou a irmã, quasi colando os lábios aos seus ouvidos.

— Deve ser... a vontade de Deus... que se cumpriu... Alcione, muito comovida com a doce resignação do moribundo, voltou a dizer:

— Levar-te-ei comigo para casa. Haveremos de tratar das feridas, com atenção. O carro nos espera á porta.

O ferido tentou fazer um gesto que significasse a sua impossibilidade absoluta, chegando tão somente a murmurar:

— Não posso mais...

Beatriz procurou o facultativo que tirava o avental tinto de sangue e pediu licença para remover o rapaz. O doutor, entretanto, não concordou, exclamando:

— E' inutil! A providencia apenas agravaría os padecimentos do infeliz. Seus minutos estão contados. O grande ferimento do peito, produzido pela pata do animal, é irremediável.

— O caso é assim tão grave? — indagou a filha de Suzana, alarmada.

— A morte é uma questão de momentos — respondeu o médico um tanto displicente.

Alcione, que compreendia a situação, inclinara-se para o moribundo, como se estivesse acariciando um filhinho.

— No instante em que se verificou o desastre, — esclarecia o Abade Durville em voz alta, — quis prender o cocheiro culpado, afim de puni-lo, como de justiça, mas Robbie não consentiu, dizendo-se o unico culpado do incidente.

O rapaz olhou a irmã, longamente, ansioso de ler no seu rosto a aprovação de sua atitude. A filha de Madalena entendeu a sua linguagem silenciosa e murmurou:

— Fizeste muito bem, Robbie. E' preciso não disputarmos com o mundo, afim de encontrarmos o caminho que conduz a Deus.

O agonizante teve uma expressão de grande conforto íntimo e, reunindo as suas reduzidas possibilidades orgânicas, falou entrecortando as palavras:

— Desde que mandei os gendarmes libertar o cocheiro, por entender que me cabia a culpa... sinto que não tenho mais a pele negra, que tenho a mão e a perna... curadas... veja Alcione...

E fazendo um esforço ao qual não podia corresponder a mão quasi hirta, continuava murmurando:

— Minha mão tem agora cinco dedos... e tenho a impressão de que me curei dos olhos para sempre... Somente não posso levantar-me e acompanhar-te... mas depois que dormir... penso que ficarei bom.

A irmã adotiva acentuou vertendo algumas lágrimas:

— São estas as provas redentoras, meu querido Robbie! Deus te restitue a saúde da alma, por te considerar novamente digno.

Mas o médico que conversava com Beatriz e o abade Durville, á distância de dois passos, acrescentava:

— Creio que a pobre rapariga não conhece o delírio da morte. O agonizante começa a desvairar. Deve ser o fim.

Longe de ouvir a opinião descripteriosa do mundo,

Alcione conchegava o irmão de encontro ao peito, elevando-se a Jesus em preces fervorosas.

— Sinto... muito sono... — disse Robbie num sôpro débil.

A filha de Madalena afagou-o com mais ternura e o músico adormeceu para sempre, no mundo, para despertar numa vida mais alta.

O doloroso incidente que arrebatara o irmão adotivo para a esfera espiritual, deixara Alcione muito mais abatida do que fôra de prever. Saint-Pierre cuidou dos funerais com a maior solicitude. Terminadas, porém, as cerimônias fúnebres, que se haviam revestido de tóante simplicidade, a jóven Vilamil começou a experimentar penosa angústia no coração. Nunca sentira tamanha sensação de soledade no mundo. Robbie era o último traço da sua infância e da sua juventude. Amarguosa saudade empolgou-lhe o coração. A antiga chácara de Ávila ficara muito distanciada no tempo. Dolores e João de Deus, os bons amigos da meninice, jamais haviam dado sinal de vida do seu longínquo recanto; padre Damiano e sua mãe haviam partido, seu pai e o avô lhes haviam seguido os passos no caminho da morte, Carlos afastara-se pela incompreensão, Robbie descerá á sepultura.

Dominada pela tristeza dos espíritos solitários, a filha de Madalena recolheu-se ao aposento particular. Aí chegando, chorou convulsivamente, em atitude contrária a todos os seus hábitos. Abraçando o velho crucifixo, junto do qual tantas vezes D. Margarida e Madalena haviam chorado, dizia sentidamente:

— Ah! meu Jesus, não me desampares!...

Foi aí que a pobre louca, dando pela sua falta, aproximou-se, depois de abrir a porta levemente cerrada, exclamando de olhos inexpressivos, num impulso maquinal:

— Alcione!... Alcione!...

A interpelada enxugou o pranto, recolocou o crucifixo no lugar primitivo, levantou-se solícita e foi ao encontro da enferma, murmurando:

— Ah! como me esqueci da senhora!...
E abraçando a pobre demente, conduziu-a com muito carinho ao quarto de dormir.